

Apontamentos sobre a relação Vigotski e Leontiev: A “troika”, ela existiu?

João Batista Martins

Resumo. *Este trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão acerca das relações que se estabeleceram entre Vigotski e Leontiev. Não se trata de desconsiderar a importância destes dois autores para a construção da psicologia, mas apontar um novo olhar acerca do rompimento teórico que ocorreu entre eles. Resgatando recentes trabalhos sobre a história da psicologia soviética, apontamos três dimensões sobre tal rompimento: a primeira diz respeito à produção científica, onde se identifica a pouca produção que envolve os dois autores; outra está relacionada a um posicionamento ideológico e conjuntural, decorrente dos desdobramentos políticos implementados por Stalin na perseguição dos intelectuais soviéticos; e a última aponta para um rompimento teórico propriamente dito, na medida em que Vigotski assinala o afastamento teórico de Leontiev. Tais esclarecimentos se fazem necessários especialmente pelo fato de encontramos com frequência autores que apontam para a continuidade teórica e ideológica entre estes dois autores.*

Palavras-chave: *Vigotski; Leontiev; psicologia sócio histórica: história*

Nas interpretações sobre a história da psicologia soviética – seja ela brasileira ou internacional –, temos percebido certa tensão quando se discute o rompimento ocorrido entre Lev S. Vigotski e Alexis N. Leontiev. Entendemos que esta é uma questão importante uma vez que nos esclarece alguns aspectos do processo de construção da psicologia soviética no início do século XX. Ela nos leva a explorar – levando-se em consideração a trajetória de ambos, Vigotski e Leontiev – a articulação entre eles em torno do que ficou conhecido na psicologia soviética como a “tróika” – o grupo formado por Vigotski, Leontiev e Luria –, bem como a relação entre seus projetos para a psicologia.

Não queremos trazer com este texto qualquer dúvida sobre a importância dos trabalhos de Vigotski e Leontiev para a psicologia soviética, cada um a seu modo contribuiu para a consolidação e construção da psicologia.

Recentemente, foi publicado numa revista brasileira, artigo de Elizabeth Tunes e Zoia Prestes, no final de 2009, intitulado *Vigotski e Leontiev: ressonâncias do passado*, onde elas reforçam a continuidade entre as obras de Vigotski e Leontiev. Neste texto, as autoras apresentam os desdobramentos de uma visita científica à Rússia ocorrida no ano de 2007, onde se encontraram com Dmitri Alekseevitch Leontiev, neto de Aleksei Nikolaievitch Leontiev. Além da entrevista realizada com o Prof. D. A. Leontiev, Elizabeth Tunes e Zoia Prestes, receberam um artigo intitulado “O mito do rompimento: A. N. Leontiev e L. S. Vigotski, em 1932” (escrito por Aleksei Alekseevitch Leontiev e Dmitri Alekseevitch Leontiev em 2003), que foi publicado no corpo do artigo acima referido.

As considerações das autoras se coadunam com as de outros autores latino-americanos que defendem a continuidade teórica entre Vigotski e Leontiev, tais como Shuare (1990) e Golder (2004).

As conclusões a que chegam esses autores, entretanto, são contraditórias com uma série de análises recentemente publicadas e que foram realizadas a partir de anotações, cartas, “bilhetes”, bloco de notas – documentos que pertencem aos arquivos da família de Lev S.

Vigotski – e que nos revelam uma outra versão a respeito das relações travadas entre os dois psicólogos russos, durante o processo de construção e de consolidação da psicologia soviética.

Tendo em vista tais publicações, pretendemos neste artigo trazer essas novas contribuições sobre a construção da psicologia na URSS. Com esta perspectiva, o texto se organiza em torno de duas questões, a primeira diz respeito sobre a organização da “tróika”, termo recorrentemente utilizado para se referir ao grupo “Vigotski, Luria e Leontiev”. Uma outra se organiza em torno de novas informações relativas ao rompimento de Leontiev e Vigotski em meados dos anos 1930, e que nos oferece novas informações sobre esta separação.

Da Tróika – as “parcerias” no desenvolvimento das pesquisas em psicologia

Ao longo de nossos estudos sobre a teoria de Vigotski é recorrente a ideia de que esse autor fazia parte de um projeto de reconstrução da psicologia, tendo como ponto de partida os pressupostos do materialismo dialético e do materialismo histórico. Além disso, ele compartilhava suas intenções com dois outros psicólogos – Aleksei Nikolaievitch Leontiev e Alexandr Romanovich Luria – grupo que ficou conhecido, na literatura nacional e internacional, como “tróika”, cuja liderança era exercida por Vigotski (cfe Luria, 1979).

É sabido que os desdobramentos da Revolução de 1917 colocaram para a equipe que trabalhava no Instituto de Psicologia de Moscou vários problemas, tais como alto índice de analfabetos, falta de amparo a crianças com dificuldades físicas e psicológicas, etc..., e que tal situação demandava algumas soluções para questões referentes à própria constituição da psicologia. Tal preocupação é evidente ao longo do texto “*O significado histórico da crise da psicologia*” escrito por Vigotski em 1927 (Vigotski, 1927/2004). Aqui ele propõe a construção de uma psicologia geral, uma vez que ele indica que as psicologias de seu tempo estavam passando por um momento de inflexão e que os problemas teóricos e práticos vinculados ao campo psi, só poderiam ser solucionados a partir de uma psicologia geral (Veresov, 1999).

No texto Vigotski também reconhece as demandas do campo profissional – dos psicólogos práticos e dos psiquiatras e psicotécnicos – e os limites e as deficiências das correntes teóricas que compunham o campo da psicologia, uma vez que tal campo era circunscrito pela disputa entre tais correntes, que atribuíam para si mesmas a especificidade da psicologia.

Assim, além do enfrentamento na busca por soluções para as questões concretas, decorrentes do processo revolucionário, Vigotski também dirigiu seu trabalho no âmbito do Instituto de Psicologia de Moscou com o objetivo de reformular a teoria psicológica, tendo como ponto de partida as proposições marxistas (cf. Wertsch, 1988: 28). Sob essa perspectiva, Luria (1979:43) comenta: “Vygotsky, era também o maior teórico do marxismo entre nós (...) nas [suas] mãos ... o método marxista de análise desempenhou um papel vital na modelação de nosso rumo.”

Nos anos que se seguiram a sua chegada a Moscou, Vigotski e seu grupo empreenderam uma análise do campo psi com a perspectiva de criar uma nova psicologia. Eles entendiam que nem a psicologia subjetiva proposta por Tchelpanov¹, nem as tentativas muito simplificadas para reduzir a complexidade da atividade consciente a simples esquemas reflexos, proporcionavam um modelo satisfatório da psicologia humana.

Não podemos perder de vista que estes dois movimentos – o de dar conta das demandas sociais criadas pela revolução e a elaboração de uma perspectiva marxista para a psicologia – estão circunscritos por um momento extremamente crítico, tendo em vista os

¹ Gueorgui Tchelpanov foi diretor do Instituto de Psicologia de Moscou. Ele publicou o livro “A mente humana”, onde faz uma crítica às teorias materialistas da mente. Ele era adepto da psicologia introspectiva de Wilhem Wundt e opositor do behaviorismo.

desdobramentos da Revolução de 1917. Luria nos informa sobre essa situação, da seguinte forma:

Encontrei em Moscou uma cidade que, como Kazan, estava entusiasticamente engajada no trabalho de reconstrução. Mas, à diferença de minhas condições de trabalho em Kazan, os psicólogos moscovitas tinham metas bem estabelecidas e meios adequados à pesquisa especializada. Reuni-me a um pequeno grupo acadêmico, cuja tarefa era reconstruir a psicologia russa, a fim de aproximá-la das metas revolucionárias. (Luria, 1979:28)

Com a chegada de Vigotski, outras perspectivas se abriram para os pesquisadores do Instituto de Psicologia de Moscou.

Quando Vygotsky chegou a Moscou, eu ainda estava realizando estudos pelo método motor combinado com Leontiev, que havia sido discípulo de Chelpanov, a quem me associei desde então. Reconhecendo as habilidades pouco comuns de Vygotsky, Leontiev e eu ficamos encantados quando se tornou possível incluí-lo em nosso grupo de trabalho, que chamávamos de “tróika”². Com Vygotsky como líder reconhecido, empreendemos uma revisão crítica da história e da situação da psicologia na Rússia e no resto do mundo. Nosso propósito, superambicioso como tudo na época, era criar um novo modo, mais abrangente, de estudar os processos psicológicos humanos. (Luria, 1979:39-40)

Com este assinalamento de Luria encontramos o uso do termo “tróika”, mas, afinal, a que Luria queria se referir com esse termo?

Com a perspectiva de respondermos a essa pergunta acabamos por fazer uma pesquisa bibliográfica e, nesse percurso, encontramos o livro “*As questões do modo de vida*” (de 1923) de Leon Trotsky, no qual este analisa a situação pós-revolucionária da URSS e reconhece as dificuldades do povo soviético em desenvolver habilidades culturais mais elementares. Considerando a enorme falta de manuais, de livros de estudos, de obras sobre especialidades técnicas ou outras profissões particulares, Trotsky vê na confecção de novos livros a possibilidades de qualificação do proletariado. Quanto à redação desses novos manuais ele esclarece:

Para escrever um manual, é preciso reunir um grupo de três pessoas (troika) formado por um escritor especialista, tecnicamente informado, que conheça – ou que seja capaz de conhecer – o estado do ramo correspondente da nossa produção, por um operário altamente especializado nesse domínio, de espírito inventivo, e por um escritor marxista, com formação política e com alguns conhecimentos no campo da técnica e da produção. (Trotsky, 1923/1979:29)

O termo “tróika” a partir da referência de Trotsky, nos remete para uma política de reconstrução cultural desenvolvida pelo Partido Comunista, cuja implementação implicava no engajamento de escritores, técnicos, cientistas, etc. para com os propósitos da Revolução.

Entretanto, este contexto não é semelhante ao momento em que Luria escreveu seu livro. Ele denominou o grupo de tróika em um livro que tem um tom biográfico, onde não transparece uma intenção de fazer uma apologia política. Ou seja, o fato de Luria usar a palavra

² Tchouboukova (2001: 190), ao analisar as transformações linguísticas, assinala com relação à palavra tróica: “A ‘tróica’, surgindo na língua russa para designar uma carruagem conduzida por três cavalos, já há muito ultrapassou fronteiras do significado primário e na língua portuguesa (como em várias línguas estrangeiras) a palavra ‘tróica’ simboliza um grupo formado por três personalidades.

“tróika” não nos permite afirmar um engajamento mais estreito com as questões políticas de Vigotski e de seu grupo no âmbito do Partido Comunista³.

Anton Yasnitsky, em sua tese de doutorado intitulada *Vygotsky Circle during the decade of 1931-1941 – toward an integrative science of mind, brain, and education*, nos indica uma outra interpretação para as relações que se organizavam em torno do grupo de psicólogos que estavam trabalhando no Instituto de Psicologia de Moscou. Sua pesquisa tem como ponto de partida a história contemporânea da psicologia pós-vigotskiana que é frequentemente contada em termos de “escola de Luria, Vigotski, Leontiev” ou “trojka” (os três) que, juntamente com o “pyaterka” (cinco) de estudantes de Vigotski (Zaporozhets, Bozhovich, Levina, Morozova e Slavina) constituem os principais nomes vinculados à construção da teoria histórico-cultural proposta por Vigotski (Yasnitsky, 2009: 5).

Yasnitsky (2009: 11) aponta que

A idéia de ‘escola de Vygotsky - Leontiev – Luria’ não aparece até o final da década de 1970⁴, e um número de pesquisadores questionaram a sua validade e, em seguida, agora, duvidam da legitimidade das reivindicações da continuidade de um quadro original de Vygotsky no programa de investigação da atividade orientada para os estudos psicológicos.

Prikhozhan e Tolstykh, ao analisarem o trabalho de Lidia Bozhovich, encontram um posicionamento semelhante ao de Yasnitsky quanto à continuidade do trabalho de Vigotski. Estas autoras indicam que Bozhovich identifica uma ruptura na orientação dos trabalhos dos psicólogos soviéticos com relação às proposições de Vigotski. Nesse sentido, as autoras esclarecem:

Ela [Bozhovich] viu que a diferença fundamental entre a sua própria abordagem, como alguém que estudou a lógica do pensamento de Vygotsky sem ir além do quadro de referência do sistema teórico por ele construído, enquanto que outros (A. N. Leontiev, P. Ia. Galperin, V. V. Davydov, e A. R. Luria), em sua opinião, desenvolveram aspectos específicos (a ideia do papel principal jogado pela atividade, a significação do processo de interiorização para o desenvolvimento psicológico de uma criança, a noção que educação tem que conduzir desenvolvimento, etc.), rompendo assim a arquitetônica holística desta concepção teórica. (Prikhozhan & Tolstykh, 2004: 9)⁵

Anton Yasnitsky (2009) propõe uma nova “versão” para a história da tróika. Segundo o autor não existem provas concretas de sua existência durante a última década da vida de Vigotski (1924-1934), e entende ser mais apropriado considerar o “duo” Luria e Vigotski, tendo em vista suas múltiplas conexões pessoais e profissionais e as interrelações que podem ser encontradas no período entre 1925 a 1930. Para caracterizar sua afirmação o autor destaca o volume de trabalhos científicos que foram desenvolvidos neste período por Vigotski e Luria e aqueles desenvolvidos por Vigotski e Leontiev, quais sejam:

- duas introduções para as traduções de livros de psicologia em 1925 (trata-se de Vygotsky & Luria, 1925a, 1925b);

³ O que não significa dizer que eles não se engajam num movimento de reconstrução da sociedade soviética, como bem nos assinalam Stetsenko e Arievitich (2004). Vigotski se posiciona criticamente ao modo de produção capitalista e seus desdobramentos para o processo de desenvolvimento infantil em texto intitulado “The socialist alteration of man” (Vygotsky, 1930/1994).

⁴ Para Yasnitsky esta versão da história é disseminada pelos leontievianos, conforme o texto cedido para Tunes e Prestes, publicado em 2003. Ver Leontiev & Leontiev (2003).

⁵ Ver a análise de Koshmanova (2007) que aponta para as diversas histórias contadas acerca da vida e obra de Vigotski.

- em 1927 participaram de uma equipe preparação de materiais e livros educacionais (trata-se de Vygotsky, Artemov, Bernstein, Dobrynin, & Luria, 1927; Vygotsky, Artemov, Dobrynin, & Luria, 1927);
- foram co-autores de um “paper” sobre fala egocêntrica que Luria apresentou no IX Congresso Internacional de Psicologia na Universidade de Yale (trata-se de Vygotsky & Luria, 1929/1930);
- escreveram um capítulo de livro *Tool and symbol in child development* que apareceria no *Handbook of Child Psychology* de Murchinson in 1930 (trata-se de Vygotsky & Luria, 1930/1994);
- escreveram o livro *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança* que foi escrito no final de 1920 e publicado em 1930 (trata-se de Vygotsky & Luria, 1930, 1930/1993).

Quanto à parceria entre Vigotski e Leontiev, o autor aponta:

Em contraste, o único paper que saiu sob os nomes de ambos, Vygotsky e Leontiev, foi a introdução do livro sobre a psicologia da memória escrita por este último, sob a supervisão do primeiro.(A. N. Leontiev, 1931) (cfe. Yasnitsky, 2009: 54).

Yasnitsky ainda afirma que muitos contemporâneos, e até mesmo os críticos das proposições da teoria histórico-cultural, não identificavam Leontiev, mas sim Vigotski e Luria como os proponentes desta teoria (Yasnitsky, 2009: 54-55).

Do rompimento entre Vigotski e Leontiev – uma questão ideológica e conjuntural?

Assistimos a um intenso debate entre os comentaristas de Vigotski, acerca da sua relação com o marxismo. Rivieri (1985) afirma que a relação de Vigotski com o marxismo estava muito mais relacionada com questões metodológicas do que com uma dimensão ideológica. Nessa direção, Kozulin (2001) nos alerta:

Vygotski levou Marx a sério, não como um ídolo, mas como um pensador de carne e osso pertencente à tradição cultural européia. O Marx de Vygotski era uma das vozes do pensamento europeu, ao mesmo nível de Dilthey, Durkheim, os neokantianos e outros. O fato de situar Marx no contexto do pensamento europeu não podia senão resultar surpreendente para seus colegas, que haviam se acostumado a dividir a cultura em “burguesa” e “socialista”, e para quem o marxismo supunha uma ruptura com a tradição européia, e não sua consumação (Kozulin, 2001: 230).

Kozulin (2001) e Yasnitsky (2009) nos lembram de que no final da década de 1920, início dos anos 30, os intelectuais e pesquisadores soviéticos sofreram uma pressão muito forte da política de Stalin. No que diz respeito à psicologia, decidiu-se, segundo Kozulin, que os fundadores do marxismo-leninismo eram os pontos de partida que deveriam demarcar os campos científicos e aqueles que tentavam desenvolver teorias psicológicas tendo como suporte estudos ocidentais foram condenados pois se esperava que as teorias fossem derivadas das ideias herdadas de Marx, Engels e Lenin, da experiência bolchevique e das obras de Stalin.

A obra de Vigotski não escapou das críticas correntes. Sua teoria foi estigmatizada uma vez que estabelecia um diálogo com a escola de sociologia francesa de Durkheim e com a psicologia da gestalt, indicando-se que tais articulações teóricas refletiam suas inclinações burguesas (Kozulin, 2001: 228). Para Kozulin a não aceitação da obra de Vigotski estava relacionada com a complexidade e sutileza de sua teoria e de seus argumentos. Além disso

Boa parte dos contemporâneos de Vygotski havia se acostumado ao sistema de identificação intelectual baseado na lealdade do grupo. Em lugar de indagar as ideias de uma pessoa, perguntavam a que grupo o camarada pertencia. Nesse sentido, Vygotski rompeu todas as regras. Sua história pré-revolucionária estava limpa e sua aceitação do marxismo parecia sincera, assim se esperava que ele se unisse à camarilha reinante. Ao contrário, parecia que ele respeitava muito mais a sabedoria do poeta caído em desgraça, Mandelstam, que toda a obra de seus contemporâneos marxista. Para resolver essa “dissonância cognitiva”, os contemporâneos de Vygotski tinham ou que denunciá-lo por pseudomarxista ou convencê-lo a abraçar a verdade comum e abandonar seus perigosos desvios. (Kozulin, 2001: 230).

Para Yasnitsky, Vygotski e seus associados tornaram-se objeto de críticas que, na maioria das vezes, eram infundadas cientificamente, mas motivadas politicamente⁶. Entretanto, após a publicação do *Decreto do Partido Comunista Contra as Perversões da Pedologia*, em 04 de julho de 1936, iniciou-se uma campanha pública contra a teoria de Vygotski. Sua obra já publicada foi condenada, assim como seus manuscritos inéditos. Como resultado Vygotski tornou-se persona *non grata* nos meios acadêmicos, sendo praticamente banido do cenário psi da Rússia, situação que perdurou até meados dos anos de 1950.

Diante deste cenário de perseguição ideológica, os membros do grupo de Vygotski também começaram a ter problemas.

Há provas circunstanciais para mostrar que tanto Luria e Leontiev foram forçados a encerrar seus trabalhos em torno de 1936-1937. Nós também podemos supor que Luria teve que fugir de Moscou e encontrou um refúgio familiar na zona do Cáucaso. A partir da publicação da correspondência de Luria com Max Wertheimer sabemos, por exemplo, que a sua carta para Wertheimer de setembro de 1936, foi enviada com o endereço de retorno em Teberda (Região do Cáucaso) (...). Da mesma forma, foi em Tbilisi, na União Soviética, Georgia, em circunstâncias pouco claras, que Luria defendeu sua tese de doutorado, em 1937. (Yasnitsky, 2009: 73)

Para Yasnitsky, fugir da capital ou se demitir dos cargos de professores, não foram as únicas estratégias utilizadas por Luria e Leontiev para a sobrevivência física e profissional de ambos. É sob esse contexto e sob essa circunstância – enquanto uma estratégia de sobrevivência – que Yasnitsky localiza o trabalho de Leontiev intitulado “Study of the Environment in the Pedological Works of L.S. Vygotsky: A Critical Study” (Leontiev, 2005), onde ele tece uma série de críticas a Vygotski, evidenciando seu rompimento teórico com o mesmo. Segundo Yasnitsky (2009: 74) esse texto

[...] foi provavelmente a base para uma apresentação oral que fez durante os turbulentos anos de 1936-7. Por exemplo, essa apresentação poderia ter tido lugar em 1937, quando, após uma pausa considerável, Leontiev retornou ao Instituto de Psicologia. Este artigo foi originalmente localizado nos arquivos do Instituto e não foi publicado até o final dos anos 1990, quando foi descoberto acidentalmente pelo conhecido estudioso russo Irina Ravich-Shcherbo. Leontiev critica Vygotsky e este paper poderia ter servido ao propósito de distanciá-lo do então proscrito antigo professor.

⁶ Mais detalhes sobre as críticas dirigidas a Vygotski, ver van der Veer, 1985; 1991.

O ponto de partida das críticas de Leontiev foram os trabalhos desenvolvidos no campo da pedologia – alvo do Decreto do Partido Comunista em 1936. Dentre estes trabalhos, ele se refere a um texto de Vigotski publicado em 1935, intitulado “O problema do ambiente” (repblicado em van der Veer e Valsiner em 1994 com o título “The problem of the environment”). As críticas de Leontiev foram dirigidas para a concepção de ambiente defendida por Vigotski e os desdobramentos deste conceito para a compreensão do processo de desenvolvimento infantil.

Assim, o ambiente aparece como o veículo dessas formas que determinam o desenvolvimento. São estas as formas ideais apenas no sentido de que são formas *fnais* ou são ideais no sentido de que são formas de *consciência social*? Obviamente, elas são ideais neste último sentido assim como uma palavra, em sua capacidade como uma forma final, não tem um efeito como um som, mas como um sinal, carregado de sentido, isto é, especificamente como uma coisa "ideal", um produto da cultura espiritual; da mesma forma, a criança entra em interações, não com quantidades como tais mas, nas palavras do próprio autor, "com o pensamento aritmético desenvolvido". A interação que acontece aqui é precisamente a interação com formas de consciência social, de modo que a criança, também entra nessa interação especificamente em sua capacidade como um sujeito de consciência. Assim, a teoria do ambiente apresentada por Vygotsky, trancado dentro do círculo da consciência, perde a sua posição inicial materialista e é transformada em uma teoria idealista. (Leontiev, 2005: 20)

Mais à frente, Leontiev continua:

De tudo o que Vygotsky desenvolveu, teoricamente, a concepção do ambiente é a mais fraca. Nessa concepção, como num passe de mágica, coletados em uma construção unificada falsa, estão todos os erros teóricos, inconsistências de pensamento e visões idealistas individualistas que encontramos em suas obras psicológicas principais. Bastam nele, e, portanto, especificamente nessa concepção, Vygotsky muito menos consegue superar os pontos de vista onde o neopositivismo é tradicional em psicologia francesa contemporânea burguesa. (Leontiev, 2005: 20)

Entender essas críticas como uma estratégia de sobrevivência, que marcaria a distância entre Vigotski e Leontiev, é uma forma de atenuar uma situação que pode ser caracterizada por um rompimento. Cabe registrar que esse mesmo tom crítico foi utilizado por Zinchenko – membro do grupo de Karkov – em um trabalho sobre memória involuntária publicado em 1939, onde alguns pontos de vista de Leontiev são reiterados, como por exemplo:

Sem dúvida, um dos problemas mais básicos, a conceituação da natureza da mente, foi resolvida de forma incorreta. Pensou-se que as características fundamentais da mente humana era o *domínio* da mente natural ou biológica mediante o uso de meios psicológicos auxiliares. O erro fundamental de Vygotsky está em sua tese, na qual interpretou erroneamente a concepção marxista da determinação histórica e social da mente humana. Vygotsky entendeu a perspectiva marxista de modo idealista. O condicionamento da mente humana por fatores sociais e históricos se reduziu à influência da cultura sobre o indivíduo. Considerou que a fonte do desenvolvimento mental era a

interação da mente do sujeito com a realidade cultural e ideal, mais que sua relação objetiva com a realidade. (Zinchenko, 1983: 66-67)

Tal situação de desacordo generalizado, na avaliação de Kozulin (2001: 68), traduziu-se numa estratégia para o estudo das funções psicológicas: “[a] ênfase nas ferramentas psicológicas se viu substituído pela denominada ‘atividade diretiva’”, abrindo os caminhos para o desenvolvimento da teoria da atividade que começa a ser consolidada pelo grupo de Karkov, caracterizando um movimento de distanciamento da teoria de Vigotski. É o que discutiremos na próxima sessão.

O rompimento teórico entre Vigotski e Leontiev

Antes de iniciarmos este tópico é necessário caracterizarmos o processo de construção da teoria histórico-cultural. Zavershneva (2010a: 27), a partir de seus estudos sobre documentos não publicados de Vigotski (notas, blocos de notas, etc.), afirma que:

Com efeito, temos provas de que Vygotsky formulou os princípios da abordagem histórico-cultural antes de 1926, cujas primeiras teses foram colocadas em discussão entre dezembro de 1927-janeiro 1928 no artigo "O Desenvolvimento da Criança difícil e o seu estudo" [Razvitie trudnogo rebenka ego izuchenie i] (Primeiro Congresso Pan Russo de Pedologia). As premissas da abordagem [...] estão contidas em todos os trabalhos iniciais de Vygotsky, mas foi somente em 1926 que elas foram reunidas e um núcleo sólido, assim, criadas para a teoria, ou seja, uma série de postulados sobre os quais repousa todo o programa de pesquisa, e que foram posteriormente clarificadas e estabelecidas sob novas formulações. Em 1930, elas foram suplementadas com o princípio sistêmico, e em 1932, com o princípio da estrutura semântica da consciência. Propomos este critério para o início da teoria histórico-cultural, no sentido estrito da palavra: a síntese de duas idéias, que em 1926 estavam sendo elaboradas sem uma ligação clara entre elas (o princípio de mediação semiótica, que posteriormente sofreu alterações significativas e foi localizada para o fundo da teoria, e a idéia do desenvolvimento cultural da psique). Assumimos que a fase crítica, o ano de transição, foi 1927; a correspondência de Vygotsky com seus colegas sugere que a pesquisa experimental na nova metodologia da dupla estimulação já estava em curso no verão de 1927, mas não estava sendo publicada. Agora nós sabemos que os princípios teóricos desta pesquisa foram formulados um ano antes.

É a partir destes posicionamentos teóricos que podemos identificar as rupturas teóricas e metodológicas entre Vigotski e Leontiev. As raízes deste conflito, segundo Yasnitsky (2009: 64-65),

[...] podem ser rastreadas até um episódio esquecido pelos historiadores da psicologia e que ainda espera uma investigação mais aprofundada. O artigo de Leontiev de 1928 sobre memória em crianças com desenvolvimento mental patológico saiu no jornal *Voprosy defektologii* (...). Dois anos mais tarde Zankov publicou um artigo com os resultados de seu estudo sobre o mesmo tema em um volume que ele coeditou com D. I. Azbukin e Vygotsky [em 1930]. Neste trabalho Zankov apresentou os resultados de seu estudo e uma crítica contundente ao estudo de Leontiev de 1928, criticando sua negligência de precisão quanto aos procedimentos experimentais, o descuido com as

estatísticas, o estilo vago de relatar os resultados e, por último mas não menos claramente, a consideração totalmente distorcida de Leontiev dos processos mnemônicos em crianças com retardo mental. Leontiev nunca respondeu a essa crítica. Além disso, nenhuma referência a este estudo de Zankov pôde ser encontrada nas publicações de estudantes de Leontiev, como por exemplo, no monumental e mais pedante livro P. I. Zinchenko sobre psicologia da memória involuntária que revisou praticamente toda a literatura sobre o tema até à data, incluindo várias outras publicações sobre memória de Zankov referente ao período 1930-40 (...). Em suma, independentemente do episódio sobre a crítica científica de Zankov ao estudo inicial de Leontiev, se ele foi a causa ou apenas um indicador do conflito em curso, há razões para crer que a oposição entre os "kharkovites" (Leontiev, etc) e os grupos "defectológicos" (Zankov, Solov'ev, etc), seguidores de Vygotsky, baseou-se em um conflito pessoal e com forte hostilidade dos protagonistas ao invés de puramente científica, de fundamentos teóricos.

Já Zavershneva (2010b) apresenta uma outra perspectiva quanto à ruptura entre Vigotski e Leontiev. Em seus estudos sobre os documentos disponibilizados pela família de Vigotski, a autora encontrou um "livro de anotações" que pode esclarecer o fato em questão. Trata-se de um "livro de anotações" escrito em 1932 que está dividido em três partes:

[...] um esboço para o livro não escrito *Sobre a Questão de Investigação da Consciência* [K voprosu ob issledovanii soznaniia], notas sobre o problema corpo-mente (psicofísica) e notas de Vygotsky sobre os relatórios de I. M. Solov'ev e A.N. Leontiev que provavelmente foram apresentados em uma reunião de pesquisa ("conferência interna") para os colaboradores mais próximos. (Zavershneva, 2010b: 62)

Apesar da importância das outras temáticas, vamos nos ater aqui na discussão que Zavershneva faz a respeito das notas referentes aos trabalhos de Solov'ev e Leontiev, observações estas que marcam a ruptura entre ele e Leontiev. Vigotski, na medida em que estava consolidando sua visão sistêmica da natureza da psique, à luz do princípio da unidade do processos de desenvolvimento (ver o texto *Sobre os sistemas psicológicos* de 1931), faz duras críticas às proposições de Leontiev uma vez que as análises deste indicavam uma redução do nível de generalização teórica, e por não levar plenamente em consideração os processos psicológicos superiores. Para Zavershneva

Vygotsky criticou Leontiev por perder o centro da investigação e por ter adotado uma abordagem espontânea. O passo para o lado que Leontiev estava fazendo era para ele não apenas um desvio do objetivo geral – a teoria da consciência –, mas também um passo para trás, em direção à análise das funções psicológicas, que foi dominante no Círculo Vygotsky entre 1928 e 1931. Cada componente da consciência naquele momento foi investigado separadamente, sem uma abordagem sistêmica: A. N. Leontiev estudou memória; L. S. Sakharov, Iu. V. Kotelova e E. I. Pashkovskaia estudou pensamento, e assim por diante. Vygotsky pode ter visto a investigação de Leontiev apenas como uma tentativa de estudar a dinâmica da ação como apenas uma outra função psicológica. O tempo tinha chegado, no entanto, de trazer todos os resultados em conjunto, sintetizá-los e reinterpretá-los. (Zavershneva, 2010b: 83)

As notas de Vigotski escritas em 1934, quando ele e Leontiev já haviam se separado, apresentadas por Zavershneva, indicam tal ruptura:

Há duas unidades de atividade dinâmica: o pensamento e a atividade real. Ambos têm seu *aspecto dinâmico*, isto é, existe um sistema dinâmico *sui generis*, de um certo tipo e variedade. Os dois tipos de dinâmica não existem in abstracto, sem atividade. Este é o ponto mais importante e fundamental...

Na verdade, o papel do pensamento na atividade consiste na introdução de novas possibilidades dinâmicas para a atividade. Dizer que o pensamento está prejudicado é o mesmo que dizer que os processos dinâmicos sutis e complexos da atividade estão prejudicados. (Entrada “*Sehr wichtig*. A unidade do afeto e intelecto” [*Sehr wichtig*. Edinstvo affekta i intellekta], Arquivo familiar) (Vygotsky apud Zavershneva 2010b: 83)

Complementando essa entrada do arquivo, a autora apresenta outras duas notas:

"NB! AN ", Vygotsky escreve sobre Leontiev (o item está marcado "!!!!!!") que ele "olha para trás e não toma um passo decisivo para um novo nível de trabalho –análise semiótica. – Qual o significado de uma ação significante? " (Zavershneva 2010b: 89 – n. 35)

"Como inspirar o camarada Leontiev com a luz do problema de consciência! " (Zavershneva 2010b: 89 – n. 37)

Entendo que as notas acima indicam uma ruptura entre os dois autores em questão, tanto sob uma dimensão metodológica como acerca do objeto de estudo de ambos. Entretanto, assevera Zavershneva:

Os argumentos contra Leontiev não iam além do debate científico. Em nenhum lugar, nem mesmo em notas para si mesmo, nós encontramos ataques pessoais sobre Leontiev, embora Vygotsky estivesse definitivamente a começar a perder a paciência. "Cada pessoa dá seu passo independentemente após partir de um ponto de partida comum. Mas onde é que ele colocou o pé? " (Zavershneva, 2010b: 83 – grifos no original)

Mais a frente ela continua

É difícil não perceber que eles estavam falando línguas diferentes. Vygotsky não parecia perceber que, além de argumentos científicos, o que estava por trás da decisão de Leontiev de dissociar-se da investigação sobre a consciência foram fatores aparentemente ideológicos. Ao concentrar-se na teoria ideologicamente mais complacente da atividade, A. N. Leontiev sobreviveu no ambiente complexo da “ciência reprimida” (termo de M. G. Yaroshevskii), e mais tarde tornou-se não apenas o criador de um grande movimento, mas também o fundador do departamento de psicologia na Universidade Estadual de Moscou. Devemos notar, no entanto, que a psicologia foi principalmente privada de seus trabalhos [de Vigotski] até a década de 1980, enquanto Leontiev assumiu cargos de liderança na ciência soviética. (Zavershneva, 2010b: 83-84)

Considerações Finais

Esclareço que este texto não tem como objetivo desconsiderar a importância de Leontiev e de Vigotski para a ciência psicológica. Trata-se de apresentar uma versão diferente quanto a continuidade do trabalho destes dois autores.

Nesse sentido, concordamos com Bozhovich, e com as outras indicações bibliográficas, que Leontiev, assim como outros autores, romperam com a perspectiva holística desenhada por Vigotski, afastando-se de suas propostas epistemológicas e encaminhamentos metodológicos. É o que nos indica também o trabalho de Keiler (2010) que, analisando um texto de Leontiev intitulado “Materiais sobre consciência” (“Materials About Consciousness”), nos indica as divergências quanto a concepção de consciência deste autor com Vigotski.

Entendemos que as proposições teóricas de Vigotski nos deixaram várias inquietações, e que estão ainda por serem compreendidas e consolidadas – perspectivas que não se articulam necessariamente com a teoria de atividade de Leontiev, especialmente no que diz respeito às dimensões semióticas dos fenômenos psicológicos. O desafio colocado por essas inquietações ainda permanecem e estão presentes em nosso cotidiano, no nosso quefazer – seja no campo da academia, seja no campo profissional. E, na medida em que consideramos suas ideias inscritas na história, elas ainda permanecem vivas e profícuas e nos indicam um caminho na consolidação de uma psicologia enraizada nos pressupostos do materialismo histórico e do materialismo dialético.

Cabe registrar ainda que vemos como bastante profícuos os trabalhos desenvolvidos por Anton Yasnitsky e Ekaterina Zavershneva que têm nos permitido acompanhar o programa de pesquisa de Vigotski a partir de novas perspectivas. Anton Yasnitsky, ao considerar o trabalho de Vigotski enquanto uma construção coletiva, que implicou vários outros pesquisadores, uma rede que estabeleceu uma agenda de trabalho colaborativo (ver também, Stetsenko & Arievitich, 2004), nos remete para a realização de estudos que nos desvelem a dinâmica da realidade da psicologia soviética do início do Século XX. Tal perspectiva se completa com os estudos realizados por Ekaterina Zavershneva a partir dos arquivos não publicados de Vigotski, nos oferecendo o acesso a um conjunto de informações que nos ajudam a compreender mais profundamente, a teoria de Vigotski e de seus contemporâneos.

Referências

- Golder, M. (2004). *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. São Paulo: Xamã.
- Keiler, P. (2010). "Materials on consciousness" (1936) as A. N. Leontev's text. *Tätigkeitstheorie: E-Journal for Activity Theoretical Research in Germani*, 2, 67-99.
- Koshmanova, T. S. (2007). Vygotskian scholars: Visions and implementation of cultural-historical theory. *Journal of Russian and East European Psychology*, 45(2), 61-95.
- Kozulin, A. (2001); *La psicología de Vygotski*. Madrid: Alianza.
- Leontiev, A. A. & Leontiev, D. A. (2003). Mif o razryve: A.N. Leontiev i L.S. Vygotskii v 1932 godu [The myth of separation: A.N. Leontiev and L.S. Vygotsky in 1932]. *Psikhologicheskii zhurnal*, 24(1), 14-22.
- Leontiev, A. N. (1931). *Razvitie pamyati [Development of memory]*. Moscow: Uchpedgiz.
- Leontiev, A. N. (2005). Study of the environment in the pedological works of L.S. Vygotsky: a critical study. *Journal of Russian and East European Psychology*, 43(4), 8-28.
- Luria, A. R. (1979). *The making of mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Prikhozhan, A. M. & Tolstykh, N. N. (2004). "Interesting Psychology": L. S. Vygotsky and L. I. Bozhovich. *Journal of Russian and East European Psychology*, 42(4), 7-19.
- Shuare, M. (1990). *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Progreso.
- Stetsenko, A., & Arievitch, I. (2004). Vygotskian collaborative project of social transformation: History, politics, and practice in knowledge construction. *International Journal of Critical Psychology*, 12 (4), 58-80.
- Tchouboukova, T. V. (2001). Léxico russo na língua portuguesa: aspecto histórico-cultural. *Polifonia*, 4, 183-192.
- Trotsky, L. (1923/1979). *As questões do modo de vida*. Lisboa: Edições Antídoto.
- Tunes, E. & Prestes, Z. (2009). Vygotski e Leontiev: ressonâncias de um passado. *Cadernos de Pesquisa*, 39(136), 285-314.
- van der Veer, R. (1985). In defense of Vygotskj. In: S. Bern, H. Rappard & W. van Hoorn (Eds.) *Proceedings of the 19ss Cheiron Europe Conference* (pp. 362-372). Leiden: Psychologisch Instituut.
- van der Veer, R. (1991). The reception of Vygotsky's ideas in the nineteen thirties. In H. J. Stam; L. P. Mos & W. T. B. Kaplan (Eds). *Recent trends in theoretical psychology - Volume III* (pp. 419-423). New York: Springer-Verlag.
- Veresov, N. (1999). *Undiscovered Vygotsky: etudes on the pre-history of cultural-historical psychology*. Frankfurt: Peter Lang.
- Vigotski, L. S. (1927/2004). O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In *Teoria e método em psicologia* (pp. 203-417). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. & Luria, A. R. (1925a). Vvedenie [Introduction]. In S. Freud (Ed.), *Po tu storonu principa udovol'stviya [Beyond the pleasure principle]* (pp. 3-16). Moscow: Sovremennye problem.
- Vygotsky, L. S. & Luria, A. R. (1925b). Vvedenie [Introduction]. In R. Schultz (Ed.), *Praktika eksperimental'noj psikhologii, pedagogiki i psikhotekhniki* (pp. 3-5). Moscow: Voprosy truda.
- Vygotsky, L. S. (1930/1994). The socialist alteration of man. In: Van der Veer, R., & Valsiner, J. (Eds). *The Vygotsky reader* (pp. 175-184). Cambridge, England: Blackwell.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1929/1930). The function and fate of egocentric speech. In J. M. Cattell (Ed.), *Ninth International Congress of Psychology held at Yale University, New*

- Haven, Connecticut September 1st to 7th, 1929* (pp. 464-465). Princeton, NJ: Psychological Review Company.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1930). *Etyudy po istorii povedeniya. Obez'yana. Primitiv. Rebjonok. [Studies in the history of human behavior. Ape, primitive, child]*. Moscow: Gosudarstvennoe izdatel'stvo.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1930/1993). *Studies in the history of human behavior: Ape, primitive, and child*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1930/1994). Tool and symbol in child development. In R. van der Veer & J. Valsiner (Eds.), *The Vygotsky reader* (pp. 99-174). Oxford, UK: Blackwell.
- Vygotsky, L. S., Artemov, V. A., Bernstein, N. A., Dobrynin, N. F., & Luria, A. R. (1927). *Praktikum po eksperimental'noj psikhologii [Experimental psychology practicum]*. Moscow-Leningrad: Gosudarstvennoe izdatel'stvo.
- Vygotsky, L. S., Artemov, V. A., Dobrynin, N. F., & Luria, A. R. (Eds.). (1927). *Psikhologicheskaya khrestomatiya [The reader on psychology]*. Moscow-Leningrad: Gosudarstvennoe izdatel'stvo.
- Wertsch, J. V. (1988). *Vygotsky y la formación social de la mente*. Barcelona: Paidós.
- Yasnitsky, A. (2009). *Vygotsky circle during the decade of 1931-1941: toward an integrative science of mind, brain, and education*. These. Department of Curriculum, Teaching and Learning, Ontario Institute for Studies in Education. University of Toronto. p. 156.
- Zavershneva, E. I. (2010a). The Vygotsky family archive (1912–1934): new findings. *Journal of Russian and East European Psychology*, 48(1), 14–33.
- Zavershneva, E. I. (2010b). The Way to Freedom (On the Publication of Documents from the Family Archive of Lev Vygotsky). *Journal of Russian and East European Psychology*, 48(1), 61–90.
- Zinchenko, P. (1983). The problem of involuntary memory. *Soviet Psychology*, 22(2), 55-111.

João Batista Martins –

Docente do Depto de Psicologia Social e Institucional e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Autor do livro Vigotski & a Educação (Ed. Autentica)
End.: Rua Prof. Hugo Cabral, 1062, apto 142 – Londrina – PR – Brasil – CEP 86020-111
Email: jbmartin@sercomtel.com.br